



---

## FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO - uma disciplina em discussão no Curso de Pedagogia da UFPR

---

Por KAREN FRANKLIN

franklinkaren@uol.com.br

### De onde viemos

Quando Sócrates deixa de lado a filosofia dos físicos, depois chamada de pré-socrática, radicalmente transforma a forma de perguntar sobre o mundo. O que é o homem? Ou melhor, o que somos nós? A direção de sua pergunta não poderia ser outra: o que somos quando perguntamos sobre nós, sobre como compreendemos o mundo, e sobre o que queremos que ele seja. Nós e o mundo, ou seja, humanos no enfrentamento de seu mundo. Esse parece ser o primeiro questionamento da filosofia que valida a preocupação fundamental enraizada em todo humano, quem somos nós? Certamente também é o primeiro questionamento que esclarece a relação entre filosofia e educação.

Desde a Antiguidade discutimos essa relação para buscarmos compreender quem somos no mundo, em que mundo vivemos, que relações estabelecemos entre nós e como pretendemos constituir o porvir. No entanto, com tantos anos de história humana ainda nos questionamos: Porque não fomos capazes de responder em definitivo as tais questões? Porque retornamos sempre ao mesmo? Parece que simplesmente porque somos humanos, efêmeros, passantes.

O pensamento filosófico é fundamental para responder aos principais questionamentos humanos a respeito de si mesmo, seja como indivíduo, seja como conjunto humano ou social. São as questões colocadas de forma filosófica que nos fazem refletir sobre como podemos avançar em termos humanos, seja em nossa diversidade ou em nossa igualdade, qual seja o valor proposto para nossas reflexões momentâneas, a formação humana está presente como problema.

A Educação, eterna parceira da filosofia, que desde a Antiguidade mescla-se com o próprio fazer filosófico, apresenta suas propostas, seus relatos e suas considerações sobre o





‘dever ser’ do humano no mundo. Desde Sócrates a preocupação com a educação está no centro do fazer humano, depois dele Platão, Aristóteles, Plutarco, só para citar alguns na Antiguidade, que se ocuparam com essa relação estreita entre filosofia e educação. Nos parece que a caverna de Platão ainda é muito forte em termos de imagem de conversão humana, pois ao afirmar que é possível curar da ignorância, afirma também que a educação é um regresso a si mesmo (Platão, República, 514c-d). A história da filosofia é rica em exemplos e nos parece que ainda não conseguimos superar Immanuel Kant e sua batalha frente o esclarecimento da moralidade humana, sua concepção e textura. “O homem é a única criatura que precisa ser educada” (Kant, 1996, p.11) A discussão hodierna sobre o ‘dever ser’ ou ‘não dever ser’ está impregnada na educação. Mesmo que hoje busquemos discutir questões mais complexas como os fundamentos do ‘deixar ser’, o problema central educativo permanece: quem somos nós? Ou o que nos propomos a ser?

O mundo e especialmente o Brasil passa por grandes transformações, seja na política, na economia, na cultura e na educação. O país vive alguns momentos de fúria buscando respostas em todos os lugares. Todos têm opinião, umas mais outras menos refletidas. Em um cenário mais tradicional e menos volátil assertivamente diria que a filosofia tomaria a frente do campo das discussões, mas em cenários pantanosos são economistas e jornalistas que midiaticamente informam a perspectiva de políticos e da sociedade, através de pesquisas encomendadas e dirigidas para prever diretrizes e perspectivas. Enfim, vivemos tempos transitórios e imprevisíveis em termos políticos e econômicos. Mas o que falar do humano? O que falar da Educação?

Diante do caos das vivências e acontecimentos surge novamente uma necessidade de compreensão de si. As questões filosóficas surgem como pano de fundo, mesmo que não sejam protagonistas. Sua relação com a educação emerge nesse contexto e provoca uma nova reflexão. Qual será seu papel agora? Na verdade, refazermos a pergunta original? O que nos propomos a ser enquanto humanos neste mundo que é nosso? Responder a esta questão é um desafio da filosofia da educação, pois é ela que reflete sobre como a boa pedagogia poderá formar o sujeito que dá conta de seu próprio mundo.





O contexto educativo hoje é extremamente complexo, pois temos as novas tecnologias, o acesso a informação, as novas formas de aprendizagens, a inclusão e aquisição de habilidades que muitas vezes paralisam professores. Qual é o papel dos professores? O que é ser mestre? Esta questão já se colocava na Antiguidade com as reflexões socráticas e continuamos a refazê-las, pois continuamos aperfeiçoando o processo educativo. Refletir sobre o que é ensinar e aprender no contexto atual é fundamental para compreendermos a forma de projetarmos o futuro.

Martin Heidegger afirma que ensinar consiste em “deixar aprender”. Isto significa que, no mínimo, entre ensinar e aprender não existe uma passagem nem lógica nem natural. Ensinar não é impor isso ou aquilo. O ato de aprender, no sentido mais elevado, implica em escolha, decisão, responsabilidade. Por isso, o fenômeno do aprender só pode ser determinado até certo ponto. As teorias da aprendizagem apenas validam certos aspectos e certas formas de aprender, mas jamais conseguem dar uma explicação completa, radical e definitiva. (Paviani, 2003, p.15)

Nesse sentido, quando pensamos em ensinar e aprender na atualidade compreendemos o quão complexo é formar professores para atuarem no mundo plural e dispare, devido as demandas serem múltiplas e os atores diversos. Neste contexto, a relação intrínseca entre filosofia e educação se realimenta e subsiste na compreensão de mundo e na formação das novas gerações. O tempo dessa relação, construído ao longo caminho que percorreu a humanidade, é o próprio caminho que a filosofia e a educação humanas trilharam na construção de seu conhecimento. Percebemos que filosofia e educação são duas caras da mesma moeda e que ela é portada pelos humanos, pois são eles que precisam ser educados, como diria Kant.

Porém, com frequência com os professores de filosofia da educação necessitam justificar a presença de carga horária e conteúdos de suas disciplinas no conjunto curricular dos cursos de formação de professores. A cada novo tempo novas demandas aparecem e não há espaço para todas das disciplinas propostas, olha-se para os fundamentos, que estão lá desde sempre, e pensa-se: vamos cortar na carne! Esse questionamento e justificativa constante é um indício de que a disciplina de Filosofia da Educação está sempre se recolocando no campo da formação de professores, mesmo que seja intrinsecamente ligada a formação básica. Por que isso acontece? Com uma profusão curricular cada vez mais difusa e plural para a formação



de professores o questionamento sobre o conhecimento filosófico no conjunto multidisciplinar se apresenta cada vez mais frequente, porém com a compreensão de outras áreas sobre a filosofia, deixando-a a mercê de opiniões. Enfim, a filosofia da educação é julgada como necessária, mas para validar teorias educacionais que serão utilizadas no conjunto pedagógico. Superficialmente enfatiza-se que deve provocar reflexões para além de teorias proporcionando mudanças nos indivíduos, estabelecendo novas diretrizes de pensamento. Mas, as demandas do mundo são múltiplas, então ela mesma deve ajustar-se.

Em um mundo multicultural cada vez mais há necessidade de introduzirmos em currículos as discussões filosóficas que provoquem capacidades nos formadores, futuros professores, de implementarmos processos criativos e reflexivos que possam transformar vidas e sociedades. Como indica Martha Nussbaum é preciso aumentar ou abandonar o ensino das artes e das humanidades nos currículos escolares. Em seu texto *Sem fins Lucrativos*, Nussbaum indica que a tendência mundial em reforçar a diminuição do ensino de humanidades e artes faz com que a própria democracia entre em área de risco, pois sem sujeitos capazes de defender com vigor certos princípios democráticos, ela não resistirá. Com isso, ela afirma que é preciso uma “capacidade refinada de raciocinar e refletir criticamente é crucial para manter as democracias vivas e bem vigilantes” (Nussbaum, 2015, p.11). Nesse sentido indico como é preciso aumentar e não diminuir as humanidades nos currículos, conforme as reflexões de Martha Nussbaum na sua construção de capacidades humanas<sup>1</sup> para um mundo cada vez mais plural, global e multicultural.

Quando alguém é capaz de criticar suas próprias tradições, refletindo sobre elas, avaliando, é capaz de refletir para além de si mesmo. ‘Ser capaz de autocrítica sobre si mesmo e suas tradições’ (Nussbaum, 2014, p.76) leva à reflexão, a acolher e reconhecer padrões de racionalidade na própria forma de compreender a vida, além de acolher a diversidade de forma menos violenta, pois a pessoa torna-se capaz de se reorganizar na diferença. Essa primeira capacidade certamente só poderá se desenvolver em nações livres e que permitam a

---

<sup>1</sup> Não discorrerei demoradamente sobre as três capacidades humanas tratadas por Nussbaum em diferentes textos como *Educação e Justiça social* (2014); *Political Emotions* (2015); porém, indico, a seguir, seus principais princípios e afirmo que estão presentes, neste texto, sua concepção de desenvolvimento de capacidades humanas pela educação comprometida com as humanidades e artes.



liberdade de expressão a seus membros, pois o cerceamento da livre expressão impede a autocrítica e a autocorreção.

A segunda capacidade mencionada por Nussbaum como fundamental na educação é a capacidade de ver-se como um ser humano interligado a outros seres humanos que potencializa a consciência de conjunto, de ambiente, de responsabilidade pelo lugar onde vivemos. Ser capaz de importar-se com os outros é fruto de aprendizado, não é algo natural nos humanos. Na verdade, precisamos formar pessoas para ensinar outros a reconhecerem-se como interligados. Precisamos ser persuadidos a reconhecer o outro, precisamos desenvolver essa capacidade através da educação. Importar-se com a dor alheia, com as dificuldades e as calamidades de grupos ou indivíduos, nos faz compreender que podemos tomar atitudes diante do mundo. Fazer-nos responsáveis pelo conjunto humano porque somos humanos, é fruto de aprendizado, isso retira os sujeitos da imobilidade. A descentralização do eu nunca será espontânea, ela tem de ser forjada.

Por fim, a terceira capacidade que necessita ser desenvolvida é o que Nussbaum chama de imaginação narrativa (2014, p.81), que significa ser capaz de absorver a posição do outro na sua integralidade. Ou seja, ser capaz de colocar-se na posição do outro, sentindo o que o outro sente ou imaginando o que sente. Essa compreensão só poderia ser produzida pela educação através da arte e literatura. Sem dúvida Nussbaum enfatiza a capacidade empática das humanidades, especialmente da arte e da literatura, pois só elas seriam capazes de desenvolver e capacitar os humanos em ‘interpretar’ e ‘compreender’ verdadeiramente um sentimento alheio. São emoções alheias que podem ser compartilhadas e suas dores compreendidas, esse é o sentido dado a empatia que processa as necessidades alheias para se tomar uma decisão e posição. Assim, corroboramos com a posição de Nussbaum sobre a necessidade de mantermos as humanidades nos currículos escolares de forma lúcida e sensível, sem dogmatismos e violências.

A responsabilidade moral dos indivíduos não poderá ser utilizada como única forma de solução política, ou seja, não é na maximização utilitarista que deve estar centrado o desenvolvimento das capacidades humanas, devemos buscar uma possibilidade de empatia com os humanos que não pertencem a seu grupo moral e ético. Isso só poderá ser processado





através da educação. É preciso instrumentalizar profissionais nos processos reflexivos, ou seja, capacitá-los para refletir empaticamente e sensivelmente, observando todos os seres humanos como dignos de direitos.

### **Filosofia da Educação – uma disciplina em discussão.**

Há muita história envolvida na construção do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), por isso vamos centralizar nossa discussão em recortes e períodos recentes (2007- 2017), que levam em conta as últimas discussões sobre reforma curriculares, sobre temporalidade e carga horária atribuída a algumas disciplinas de fundamentos da educação, bem como as particularidades que lhes ocorreram. Vieira (2016) nos esclarece como a disciplina de História da Educação passou por mudanças no Curso de Pedagogia da UFPR, que culminaram com a separação da própria Filosofia da Educação.

Nas reformas curriculares de 1996 e 2008, a HE voltou a se separar formalmente da Filosofia da Educação e prevaleceu sua oferta nos dois primeiros anos de Pedagogia, que retomou à condição de curso com oferta anual e aboliu as habilitações anteriores, instituindo uma única habilitação em “Magistério das Séries Iniciais e das Disciplinas Pedagógicas do Ensino de 2º grau e na Função de Pedagogo” (Vieira, 2016, p.110)

Essa similaridade da disciplina de Filosofia da Educação com a de História da Educação ocorreu no Curso de Pedagogia da UFPR exatamente na reforma de 1996, quando antes se configurava como História e Filosofia da Educação, juntamente com as demais disciplinas de Fundamentos da Educação. Tal reforma proporcionou as disciplinas de História da Educação e Filosofia da Educação propriedade e qualidade<sup>2</sup>, com a priorização da contratação de professores especialistas na área. Os Fundamentos da Educação da UFPR, lotados no Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação, passaram a contar com cinco disciplinas História da Educação, Sociologia da Educação, Psicologia da Educação, Biologia Educacional e Filosofia da Educação, como conteúdo fundamentador de seu Curso de Pedagogia. Desde sua reformulação no ano de 1996 a carga horária da disciplina de

---

<sup>2</sup> Um histórico da passagem dessa disciplina pelo Setor de Educação é fruto de pesquisa do Prof. Dr. Carlos Eduardo Vieira, registrado no texto “História da Disciplina “História da Educação” no Curso de Pedagogia da UFPR (1938-2008), In. Vieira, C. E./Gonçalves, N.G. (2016) *Setor de Educação e Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Paraná (1938-2014), Histórias, Memórias e Desafios contemporâneos*, Curitiba: Ed. UFPR.



Filosofia da Educação foi de 180 horas, divididas em duas disciplinas de 90 horas. Porém, nas últimas reformas curriculares os questionamentos sobre a carga horária têm sido frequentes. Essa discussão levou a diminuição de carga horária significativa da disciplina de História da Educação, na reforma curricular de 2008, que passou de 180 horas para 120 horas<sup>3</sup>. Consta hodiernamente, apenas duas disciplinas de fundamentos da educação com carga horária de 180 horas obrigatórias no Curso de Pedagogia, Psicologia da Educação, distribuída em 3 disciplinas de 60 horas e Filosofia da Educação, distribuída em 2 disciplinas de 90 horas. Porém, passamos novamente por momento de reformulação curricular e, mais uma vez, diante das novas demandas do Ministério da Educação, o foco central se volta para a quantidade de horas das disciplinas teóricas e de fundamentos da educação do Curso de Pedagogia. Voltamos a discutir a necessidade de reformulação baseada na diminuição da carga horária das disciplinas de fundamentos, especialmente Biologia Educacional, Sociologia da Educação e Filosofia da Educação.

Claramente busca-se um perfil formativo objetivado em pessoas que saibam fazer, que tenham a prática pedagógica com ponto central da formação, articulando teoria e prática organicamente. Um profissional que esteja pronto para o mercado de trabalho ao sair da Universidade, penso que correlatamente a empresas que visam lucro. No entanto, questiono como vamos formar este profissional se o tempo destinado à reflexão é cada vez menor? Como capacitar para a reflexão filosófica ou mesmo para a empatia, nos termos de Nussbaum, se destinamos cada vez menos tempo as humanidades? Qual é o profissional da educação forjado nos termos dessa lógica do tempo menor para a reflexão e um tempo maior para o treinamento prático?

É um desafio para as Instituições compreender como o tempo de formação e o tempo das pessoas se processa. Certamente a adaptação a processos colaborativos e novas formas de ensinar e aprender devem estar no horizonte, pois precisamos aprender rápido a formar profissionais de outra maneira, mais capacitados para tratar com uma multiplicidade de fatores como aponta Dourado.

---

<sup>3</sup> Conf. Vieira, p. 111.



As novas DCNs definem que os profissionais do magistério da educação básica compreendem aqueles que exercem atividades de docência e de gestão educacional dos sistemas de ensino e das unidades escolares de educação básica, nas diversas etapas e modalidades de educação (educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, educação de jovens e adultos, educação especial, educação profissional e técnica de nível médio, educação escolar indígena, educação do campo, educação escolar quilombola e educação a distância), e possuem a formação mínima exigida pela legislação federal das Diretrizes e Bases da Educação Nacional. As novas DCNs definem que a valorização desses profissionais compreende a articulação entre formação inicial, formação continuada, carreira, salários e condições de trabalho. (Dourado, 2015, p.314)

Uma multiplicidade de capacitações e possibilidades de trabalho que talvez um curso de 4 ou 5 anos apenas não possa dar conta de tamanha responsabilidade. Como desenvolver tal profissional sem apenas instrumentalizá-lo? Forjá-lo na repetição de padrões? Teremos de nos reinventar em termos de curso, em termos de conjunto de disciplinas, mas certamente a Filosofia da Educação deverá se manter central no conjunto da construção reflexiva dessa nova etapa contribuindo para a elaboração das pontes entre a Universidade e a sociedade. Pois, muito mais que um profissional que possa dar conta de uma demanda escolar apenas, locus dos profissionais da educação, devido a pluralidade das questões que emanam da escola, devemos formar uma pessoa que seja capaz de refletir com propriedade sobre os processos educativos.

De qualquer modo, nestes últimos anos com a demanda crescente pela incorporação de novos conhecimentos na escola, mais práticos e plurais, voltou-se a questionar a manutenção da carga horária de 180 horas para a disciplina de Filosofia da Educação no Curso de Pedagogia da UFPR. Os primeiros indicativos é que seja efetivada sua diminuição, como já ocorreu na reforma de 2008 com a disciplina de História da Educação. Os primeiros desenhos da reforma curricular apontam para 120 horas distribuída em duas disciplinas de 60 horas. As temáticas que ficarem fora do desenho obrigatório poderão ser complementadas com disciplinas optativas. Essa é a perspectiva no momento para a disciplina de Filosofia da Educação a efetivar-se na reforma de 2018.

Com a possibilidade real possibilidade dessa ocorrência no Curso de Pedagogia da UFPR e, lembrando da importância da reflexão filosófica no conjunto formativo dos professores das séries iniciais, gestores escolares e pedagogos, questiona-se como será possível contornar







a situação? Como uma disciplina historicamente fundamental perde espaço na grade horária? Como é possível concorrer com as novas demandas por práticas educativas? Qual é o lugar da Filosofia da Educação na formação de professores do Curso de Pedagogia da UFPR? Muitas são as questões e situações que nos colocam em xeque, mas certamente a temporalidade é uma delas. Não há espaço temporal para tantas demandas e conteúdos, é preciso fazer escolhas céleres, objetivas e específicas. É preciso objetivar sem simplificar.

No processo de reforma curricular da Pedagogia a disciplina de Filosofia da Educação busca manter seu protagonismo reflexivo e fundamental para a formação dos profissionais da educação. Através de estratégias interdisciplinares busca aliar-se a projetos integrados para manter a atuação temporal (carga horária) e formativa dos profissionais da educação. Seu trabalho de reflexão é fundamental para construir perspectivas para além do posto, é preciso capacitar pessoas para essa reflexão e a Filosofia da Educação é uma disciplina poderosa em meio a outras do conjunto do curso. Como sempre ocorre com a Filosofia ela é convidada a demonstrar sua importância para a educação, isso acontece em todos os cursos em que não é a protagonista, não seria diferente na formação de professores. Porque? Hodiernamente parece não ser mais evidente o objeto da Filosofia da Educação, seu alcance e força fundamentadora.

As discussões sobre a reforma curricular ainda não findaram, estamos em processo, porém já está acertado a carga horária de algumas disciplinas de fundamentos da educação devem diminuir, entre as quais a Filosofia da Educação, e deve-se adequar a ementa, muito extensa para as 120 horas. Ementas que tem perspectiva histórica desde a Antiguidade até a Contemporaneidade, agora deverão ser pensadas prioritariamente em tópicos. O que é mais importante saber? Qual recorte devemos fazer? Quem pensa o currículo será aquele que determina o que o profissional da educação discutirá em termos filosóficos. Recortes, opções, ideologias, muitas vezes não deixam espaço para o contraditório.

Nesse sentido, voltamos a questão platônica do diálogo Mênon, se a virtude se aprende por ensinamento ou por exercício (Platão, 1999, 70 a), que na verdade significa questionar sobre se o mestre pode ou não ensinar algo a alguém se não é dotado de algum conhecimento significativo? Com a diminuição da carga horária da disciplina os professores poderão ou





não adquirir a capacidade reflexiva necessária para ensinar com significado as crianças e jovens? Essa é a questão! Saber pensar, perceber a complexidade do mundo e buscar refletir sobre ele não é um ato simples, requer tempo e amadurecimento do pensamento. Esse tempo poderá ser otimizado? Certamente não é apenas uma questão de carga horária, mas sim de temporalidade para a reflexão, se ela for compensada ao longo do curso poderá ser conquistada com apreço e qualidade, pois é preciso aprender a pensar e a pensar bem. Aqui está a chave das questões filosóficas na educação: os professores precisam aprender a pensar bem, com independência, devem gerir a autonomia acadêmica e profissional para que não sejam mais uma peça no mosaico dos sistemas.

Frequentemente esta é a alegação dos jovens profissionais que retornam a Universidade para a pós-graduação: o sistema é opressor e absorve os sujeitos. A tendência é que se rendam e se submetam. Por que? Não estão preparados para refletir sobre o espaço que ocupam, sobre o lugar que atuam, nem sobre como transformar os ambientes de forma significativa, falta-lhes Filosofia. Quando alguém não reflete ou pensa bem, não consegue achar facilmente soluções para as dificuldades, e muitas vezes esse é o problema do enfrentamento dos profissionais da educação. A Filosofia da Educação contribui para essa reflexão, seja sobre os sujeitos, seja sobre sua relação com o mundo. Preocupa a vontade de aligeirar a formação de professores pelos órgãos oficiais, pois a necessidade de profissionais capacitados é cada vez maior, porém os investimentos não acompanham a demanda.

Nesse sentido, ao mesmo tempo que defendo a importância da Filosofia da Educação como disciplina fundamentadora no curso de Pedagogia da UFPR, considero que a diminuição de sua carga horária de 180 para 120 horas é um indicativo dos tempos, como aponta Nussbaum. Devemos estar alertas, pois embaixo de nossos narizes está o perigo. Se os órgãos oficiais induzem as universidades a tornar célere os processos formativos para que a profissionalização seja mais rápida e vultuosa, são essas mesmas que perdem sua capacidade de reflexão sobre a própria sociedade e os processos aligeirados em que vivemos. A temporalidade é outra, porém como explicar a formação de professores na mesma lógica da empresa do lucro? Não seria ela a mais longeva das atividades formativas? A que requer mais reflexão e capacidades? Nesse impasse defendemos no processo de reformulação do





curso de Pedagogia da UFPR o valor formativo da disciplina de Filosofia da Educação, mas acima de tudo é o valor da reflexão filosófica no interior das sociedades como formação humana que os reflexos desse processo aligeirado, será mais sentido.

Certamente temos de pensar que a ciência e a tecnologia são importantes para o desenvolvimento do mundo, que a empregabilidade de nossos professores deve ser otimizada. No entanto, o Brasil deve refletir por que está discutindo a diminuição da carga horária das humanidades em seus currículos. Certamente não é porque damos mais valor às disciplinas como economia e tecnologia, pois estas não existem em nossos currículos escolares da base. Estamos perdidos, o investimento nas humanidades tal como em artes, foram insuficientes causando distorções, ideológicas na filosofia, na sociologia, fracas nas artes, enfim não temos professores suficientes e com qualidade. Assim, todos teremos de nos preocupar em potencializar projetos de educação e desenvolvimento das capacidades associados a melhora da produtividade e empregabilidade, no sentido de aprimoramento. Mas certamente serão as humanidades que poderão forjar nos humanos a sensibilidade necessária para conseguimos superar as incertezas de nosso tempo. Cada vez mais as perspectivas globais estão instáveis em termos de trabalho e atividade efetivas e os grupos humanos parecem afetar-se pelo desequilíbrio e o enfraquecimento de suas perspectivas. Por isso, insisto que a educação deve estar atenta para a qualidade da formação de professores, pois sua preparação de certa forma determina a capacidade de outros na seara da argumentação, empatia e ser no mundo. Se o mundo em desequilíbrio nos afeta será a educação que deve refletir sobre isso, ela deve capacitar pessoas para viver, conviver e ser sensível a essa desigualdade ao ponto de agir. Nussbaum aponta, de certa forma, para o perigo desse desequilíbrio em Anger and Forgiveness (2016), ao analisar como o crescimento da raiva em algumas comunidades ou setores pode afetar as responsabilidades políticas no futuro.

Por isso, é preciso defender nos currículos de formação de professores cada vez mais as humanidades, as artes e literatura, como indica Martha Nussbaum, pois apenas essas áreas podem produzir seres capazes de autocrítica, revendo suas tradições e modos de atuação no mundo, capazes de colocar-se no lugar do outro e serem realmente empáticos ao ponto de





sentirem o que o outro sente. Tais sentimentos são indispensáveis para compreender como as relações humanas ocorrem hoje de forma mais abrangente, não apenas nuclearmente, por exemplo, no curso de Pedagogia da UFPR, mas planetariamente, como este licenciado da UFPR poderá atuar no mundo global. Pois certamente é afetado pelo mundo e deve atuar visando o todo. Nossa preocupação é manter a reflexão filosófica viva no percurso de toda sua carreira como professores de pedagogos e pedagogas.

### Referencias

NUSSBAUM, Martha (2014) *Educación e Justiça Global*. Portugal: Edições Pedago.

NUSSBAUM, Martha (2016) *Anger and Forgiveness - Resentment, Generosity, Justice*. Hardcover.

NUSBAUM, Martha (2015) *Sem fins lucrativos. Por que a democracia precisa de humanidades*. Trad. Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes.

FRANKLIN, Karen (2015) 'Desenvolvimento das capacidades humanas: caminho para uma justiça global' In. *Perspectiva Filosófica*, vol. 42, n. 2, Recife: UFPB.

PLATÃO (1990) *A República*. 6ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

PLATÃO. (1999) *Gorgias – Ménon. Ouvres Complètes*. Texte établi et traduit par Alfred Croiset. Paris: Belles Lettres.

PAVIANI, Jayme. *Ensinar – Deixar Aprender*. Porto Alegre: Edipucs, 2003. Coleção Filosofia (154)

VIEIRA, C. E./GONÇALVES, N. G. (2016) *Setor de Educação e Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Paraná (1938-2014), Histórias, Memórias e Desafios contemporâneos*, Curitiba: Ed. UFPR.

DOURADO, Luiz Fernandes. 'Diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial e continuada dos profissionais do magistério da educação básica: concepções e desafios'. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 36, n°. 131, p. 299-324, abr.-jun., 2015.